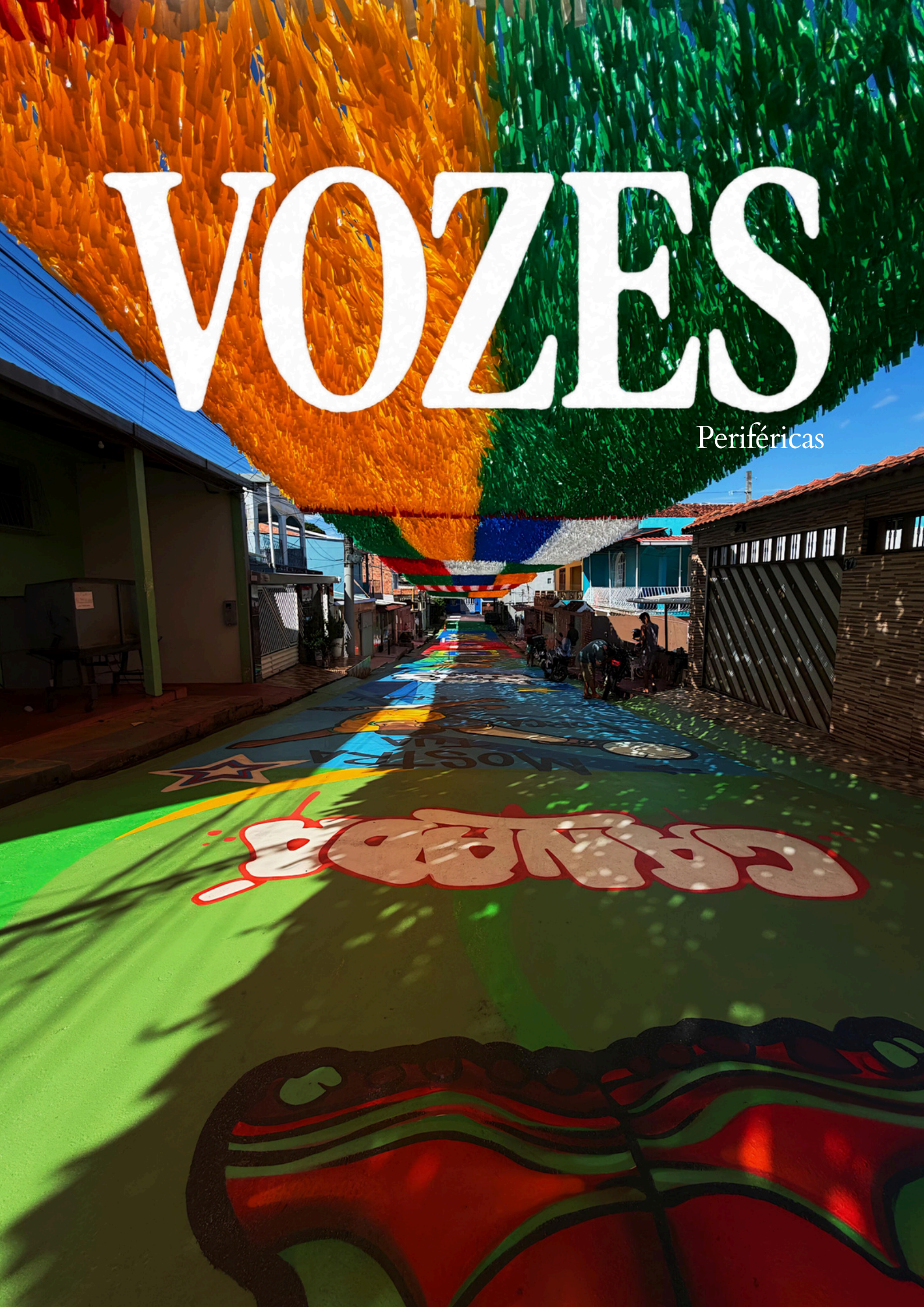


VOZES

Periféricas



Sumário

**PENSAMENTOS
LIMITADOS SOBRE
MODA PERIFÉRICA** 5

CORPOS PERIFÉRICOS 9

**DISCRIMINAÇÃO:
SEGREGAÇÃO DA
MODA** 13

**ENTRE BAIROS,
ENTRE PREÇOS** 17

DINIZ MODAS 21

**LUZ, CÂMERA, ESTILO:
O PODER DA MODA
NAS TELAS** 25

FORA DA TOCA 30

**YASMIN MUNDSTOCK
UMA NOVA FACE DA
INCLUSÃO NA MODA** 34

CAPA
SAMARA GRETA

FOTOGRAFIA
SAMARA GRETA
LYVIA GOMES
GIOVANNA BEGOT

REPRODUÇÃO
ENA MARCIAO

EDITORIAL
ARIEL DE SOUZA
RAIMUNDA DINIZ
GUILHERME
LYVIA GOMES
GIOVANNA BEGOT
MATEUS
YASMIN

ORIENTAÇÃO:
POLLYANA JORGE
SAMARA NINA

CRÉDITOS:
@KIIIONDA
@IAMTHAISSILVA
@LOHANNY
ALEJANDRA
@ABNERSIL
@LORDEDOCAOS
@IZABELVENUS
@SIMASZION
@ANAYA GURGEL
@ELA.DANNIE
@J00V.S03
@KRAIT_MANDACA



Foto: Samara greta

Sobre

A revista “**Vozes**” é fruto do trabalho interdisciplinar dos alunos do terceiro período noturno de Design de Moda da Faculdade Santa Teresa. Sob a orientação das docentes Pollyana Jorge e Samara Nina, o projeto ganhou vida e se tornou realidade. Esta edição foi produzida com muita dedicação e esperamos sinceramente que nossos leitores aproveitem a experiência.

Nesta revista, os editores não apenas escreveram artigos para publicação, mas também documentaram narrativas, empreendimentos e a realidade de um grupo de pessoas que nem sempre tem uma plataforma para se expressar.

Vozes tem como proposta, entregar um espaço que durante muito tempo foi negado pela sociedade para com essas pessoas. Cada artigo e foto carregam diversos significados e modos de expressão

Pensamentos Limitados Sobre a Moda Periférica



Fotografia: Leigh-Anne Pinnock

Existe uma ideia pronta e bem superficial sobre o que é moda periférica. Pra muita gente, se resume a um estereótipo: roupa curta, justa, “chamativa demais”. Frases como “com essa roupa só deve ser da periferia”, “isso não é roupa de gente direita” ainda são ditas como se fossem normais. Mas, no fundo, são só julgamentos disfarçados de opinião.

A realidade da moda periférica nunca foi uma coisa só. Ela é diversa, mistura referências, é viva e está sempre mudando. Vem da rotina, do clima, da música e da forma como cada pessoa escolhe se expressar. Reduzir isso a “vestido curto com lantejoulas” ou “short colado” é ignorar completamente o que existe por trás dessas escolhas. Mesmo hoje, ainda se ouve comentários como “se veste assim porque não tem opção” ou “quer chamar atenção”, como se fosse algo tão simples.

Esse tipo de visão também traz outro problema: quando a estética periférica é automaticamente associada à vulgaridade ou à falta de “bom gosto”. Essa ideia não é de agora. Ela aparece quando as pessoas tentam decidir o que certos corpos podem ou não vestir.



Fotografia: African editorial fashion

Estilo não é sobre seguir regras ou agradar os outros. É sobre a identidade de cada um. E na periferia, essa identidade aparece sem filtro, sem precisar da aprovação de ninguém.

Há uma contradição que muitos ignoram: o que nasce na periferia vira tendência o tempo todo. Aparece em influenciadores, passarelas e grandes marcas, mas quando a mesma estética é usada por alguém da periferia, ela passa a ser vista como “inadequada” ou “é coisa de periferia”. No fim das contas, não é a roupa que incomoda. É a origem de quem a veste.

E não, não existe um “jeito único” de se vestir na periferia. Basta olhar com mais atenção. Tem de tudo, tem quem prefira o básico, quem goste de algo mais ousado, quem use roupas mais largas e quem prefira peças mais ajustadas. Mas mesmo assim, ainda tem quem solte “pessoas da periferia só andam assim”, colocando todos no mesmo grupo como se na periferia tivesse um único estilo.

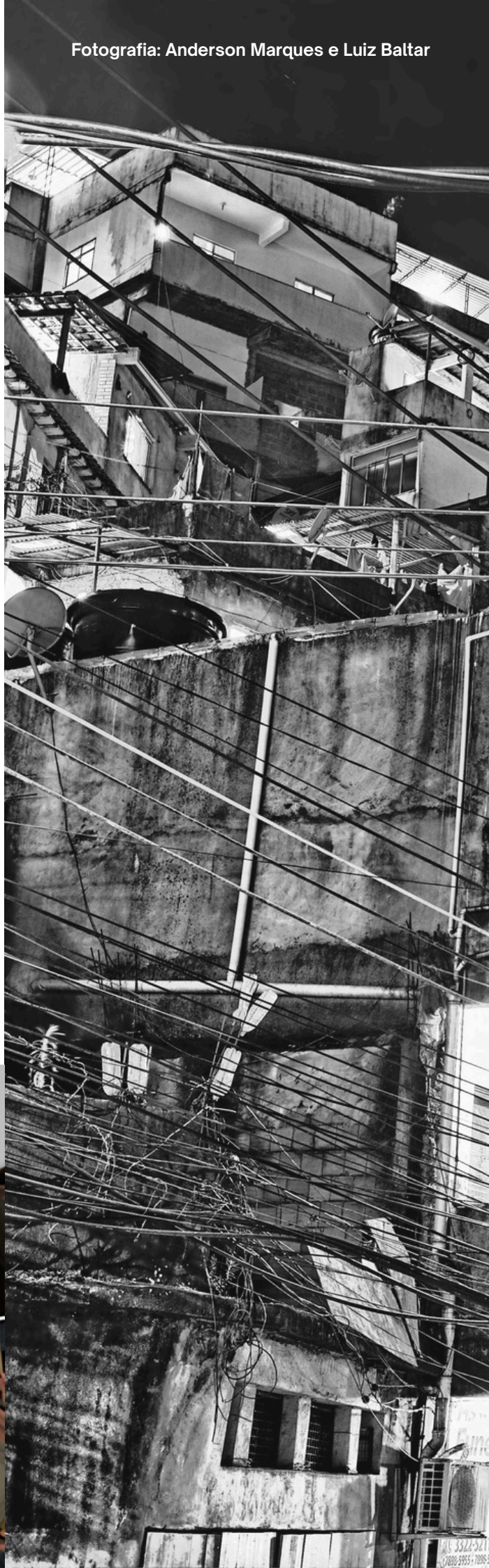
Fotografia: Vogue editorial



Fotografia: São Paulo Fashion Week
(SPFW)



Fotografia: Anderson Marques e Luiz Baltar



Hoje, com as redes sociais, muita coisa tá mudando. Quem vive na periferia está mostrando cada vez mais o seu estilo real, sem filtro e sem precisar caber em padrão nenhum. E isso incomoda porque quebra aquela ideia antiga que muita gente ainda insiste em manter.

Quando se fala de moda periférica também se fala de desigualdade, mas sem apagar a criatividade que existe ali. É entender que a condição social influencia o acesso, mas não define o estilo de ninguém. A liberdade de usar o que quiser, do jeito que quiser, sem precisar seguir padrões impostos pelos outros.

A periferia não tem um único estilo. E quem ainda insiste em enxergar assim talvez esteja só repetindo as mesmas ideias de sempre, sem perceber que elas dizem mais sobre preconceito do que sobre moda.



Fotografia: @Weemily Ferreira

Corpos Periféricos

Quem pode ocupar a moda?

Os corpos marginalizados histórica e socialmente carregam identidade, cultura, expressão e presença dentro e fora da moda. Muito além das narrativas de resistência que frequentemente os acompanham, esses corpos também existem em sua pluralidade e influência. A indústria da moda continua classificando quais corpos podem ser vistos como elegantes e desejáveis e quais são constantemente associados ao exagero ou desleixo.

Fotografia: Samara Greta

Mulheres negras, pessoas gordas, pessoas PCD's e pessoas trans são exemplos de corpos utilizados pelo mercado da moda para ocupar espaços de representatividade, mas que, na prática, continuam sendo segregadas e encaixadas em categorias separatistas, funcionando muitas vezes mais como estratégia estética e mercadológica do que como resultado de uma transformação estrutural dentro da moda. A discussão sobre corpos dissidentes dentro da moda ultrapassa questões estéticas, envolvendo também relações de poder, meios de controle social e pertencimento. Em “Memórias da Plantação”, Grada Kilomba discute como pessoas negras são frequentemente reduzidas à racialização de seus corpos, sendo constantemente percebidas por meio de estereótipos antes mesmo de serem reconhecidas como indivíduos. Essa lógica também atravessa o mundo fashion, visto que, muitas vezes, pessoas negras e não brancas são estigmatizadas a uma ótica fetichista, binária e exagerada. Já no artigo “Arte da subversão sustenta corpos dissidentes na moda”, Giovanna Montanhan questiona a forma como o sistema fashion transforma diversidade em estratégia mercadológica, inserindo corpos dissidentes em espaços limitados e categorias específicas sem que exista uma inclusão estrutural real. Dessa forma, refletir sobre corpos marginalizados dentro da moda significa questionar essa estrutura que os ainda difere de corpos considerados o padrão aceitável.



Fotografia: Samara Greta



Fotografia: Samara Greta

Discutir a inserção de corpos dissidentes dentro da moda exige uma análise que ultrapasse tendências e discursos mercadológicos. Dessa forma, deve-se compreender a moda não apenas como estética, mas como um fenômeno sociocultural em suas formas, sejam positivas ou negativas. Em *Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica*, Adrienne Rich parafraseia Kathleen Gough quando ele discute sobre os 8 poderes masculinos em sociedades arcaicas e contemporâneas:

“A habilidade dos homens ao negar a sexualidade das mulheres ou ao forçá-las a isso; ao comandar ou explorar o trabalho delas a fim de controlar sua produção; ao controlá-las ou roubá-las de suas crianças; ao confiná-las fisicamente e privá-las de seus movimentos; ao usá-las como objetos em transações masculinas; ao restringir sua criatividade; ou quando as retiram de amplas áreas de conhecimento e de realizações culturais da sociedade”

FASHN



Fotografia: Samara Greta

As reflexões apresentadas por Adrienne Rich permitem perceber como estas múltiplas e diferentes estruturas se repetem.

Ao longo dos anos, de diversas maneiras. Dentro da indústria da moda, esses mecanismos de controle são percebidos na exploração dos sujeitos subalternos a partir do roubo e modificação de suas identidades, em que esses sujeitos, em troca da visibilidade, perdem sua autenticidade.

Fotografia: Samara Greta

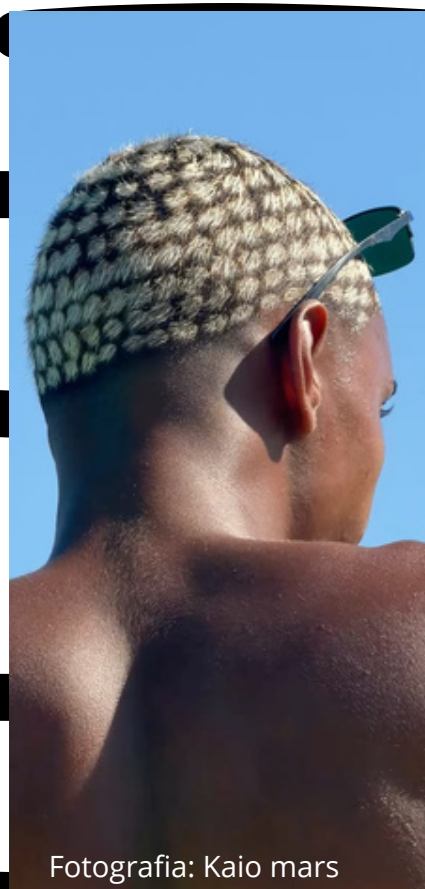


Assim, pensar corpos periféricos no mercado fashion é refletir sobre quais estruturas determinam quais sujeitos podem ou não ocupar tais espaços. Logo, corpos periféricos dentro da moda se apresentam muito além de diversidade e inclusão; Discutir esses corpos também significa questionar padrões estéticos e sociais que historicamente condicionaram pertencimento, identidade e expressão dentro da moda.

DISCRIMINAÇÃO

Segregação na moda

Desde sempre as pessoas possuem divisões de Grupos por determinados tipos de características, como crença, classe social e, principalmente, vestimentas, que em cada grupo têm estilos que passam mensagens de possíveis origens de uma pessoa que pode ser bem ou mal aceita em certos lugares. O foco vai ser em divisões de classes periféricas que comumente possuem limitações por conta de preconceitos com suas roupas ou estilos próprios e inovadores vindos da periferia.



Fotografia: Kaio mars

Apesar da criatividade e da riqueza cultural presentes na moda periférica, muitas pessoas ainda sofrem julgamentos baseados em sua aparência. Roupas largas, correntes, bonés, tênis específicos ou determinados cortes de cabelo frequentemente são associados a estereótipos negativos.

DISCRIMINAÇÃO

Nas periferias brasileiras, a moda tornou-se uma importante ferramenta de expressão cultural. Muitos jovens utilizam roupas, acessórios, cortes de cabelo e estilos inspirados em movimentos como o hip-hop, o funk, o rap e a cultura urbana. Esses elementos ajudam a construir uma identidade coletiva e representam resistência diante das desigualdades sociais.

Fotografia: Korshi 01



Pesquisas acadêmicas apontam que muitos elementos da estética periférica são inicialmente marginalizados. em seus locais de origem, mas posteriormente transformados em produtos de consumo valorizados pelo mercado da moda. Esse processo evidencia uma contradição social: aquilo que é criticado quando usado por moradores da periferia passa a ser considerado tendência quando adotado por grupos privilegiados.

Estilo de vida



ESTILO PESSOAL

Fotografia: Portal Steal The Look



O skate é um desses esportes que, desde sua criação, trouxe muita originalidade em seus estilos, influenciando os jovens em seus estilos pessoais, que trazem características únicas e estilosas.

Tanto o estilo de vida quanto o estilo pessoal de uma pessoa periférica vêm de uma grande influência do local em que se vive e que possui recursos limitados, e a falta deles traz uma autenticidade e originalidade a esses locais, que, muitas das vezes, não conseguem o seu devido reconhecimento, tendo uma apropriação cultural pelo alto escalão da moda. Muitos jovens da periferia, para fugir da criminalidade que normalmente é vista em locais periféricos, praticam esportes ou adotam outros estilos de vida para escapar de sua realidade e trazer mudanças em suas vidas. O estilo pessoal de uma pessoa não surge apenas de escolhas individuais, mas também das experiências, do ambiente social e das condições em que ela vive.

Nas periferias, onde muitas vezes há limitações econômicas e falta de acesso a determinados recursos, a criatividade se torna uma ferramenta fundamental de expressão. Dessa realidade nascem estilos autênticos, originais e carregados de identidade cultural. Um dos debates mais importantes relacionados à moda urbana é a apropriação cultural. Muitas vezes, estilos criados por jovens periféricos são inicialmente vistos com preconceito. Porém, quando essas mesmas tendências são adotadas por celebridades, grandes marcas ou influenciadores, passam a ser valorizadas comercialmente. Esse fenômeno revela uma desigualdade no reconhecimento da produção cultural periférica. Enquanto os criadores originais frequentemente enfrentam discriminação, empresas e grupos economicamente privilegiados conseguem lucrar com elementos que surgiram nas comunidades. Esse processo é observado em diversas manifestações culturais ligadas ao skate, ao funk e ao streetwear.



Fotografia: Netflix - Extraordinary Attorney

Entre Bairros, Entre Preços

As áreas periféricas enfrentam uma grande problemática na precificação, refletindo diretamente os custos fixos do negócio, tendo alcance direto com o público da periferia. Enquanto bairros nobres cobram pelo status e benefícios, áreas mais simples focam em serviços essenciais e preços acessíveis. Sendo assim, um benefício somente para os clientes e não para a costureira.

Um dos maiores fatores nessa precificação não está somente no alcance do público, mas na falta de conhecimento de preço de algumas costureiras desses bairros menores, fazendo com que seu lucro seja menor, fazendo algumas ficarem no modo sobrevivência e não lucrativo.



Fotografia: Lyvia Gomes



Zona Periférica

Barra original	30,00
Barra comum	25,00
Barra italiana	35,00
Ajustar Cós	25,00
Ajustar Quadril	20,00

Zona Nobre

Barra original	55,00
Barra comum	45,00
Barra italiana	60,00
Ajustar Cós	40,00
Ajustar Quadril	35,00



Fotografia: Lyvia Gomes

Durante a entrevista, a profissional Cleuves Maria Canto Oliveira relatou suas experiências atuando na área, revelando as dificuldades, aprendizados e percepções sobre valorização profissional. Ao destacar sobre empreender na costura em áreas periféricas, Cleuves destaca que, apesar da localização, a diversidade de clientes ainda é grande.

Quando questionada sobre as dificuldades relacionadas à precificação nessas áreas, Cleuves afirma que um dos principais desafios é a tentativa de alguns clientes de negociar preços mais baixos, sendo já considerado um padrão baixo nessas regiões. Isso demonstra que a valorização do trabalho manual ainda é um obstáculo, mesmo em contextos mais privilegiados.



Fotografia: Sarha Patricia



Fotografia: Lyvia Gomes

Em entrevista com Elen Paula de Souza, uma costureira de ÁREA nobre, diz que, mesmo em regiões consideradas privilegiadas, o público é diverso, havendo assim clientes que reconhecem o valor do serviço prestado e pagam sem questionar, entendendo que ajustes e costuras exigem tempo, técnica e experiência. Por outro lado, ela comentou que também existem aqueles que consideram os preços elevados e tentam negociar ou reduzir o valor de sua mão de obra. Nesse meio de empreender, o fundamental é ter a consciência do próprio valor profissional, pois é preciso entender que o valor cobrado por determinada costura é devido ao conhecimento, dedicação e à qualidade do serviço entregue por ela.

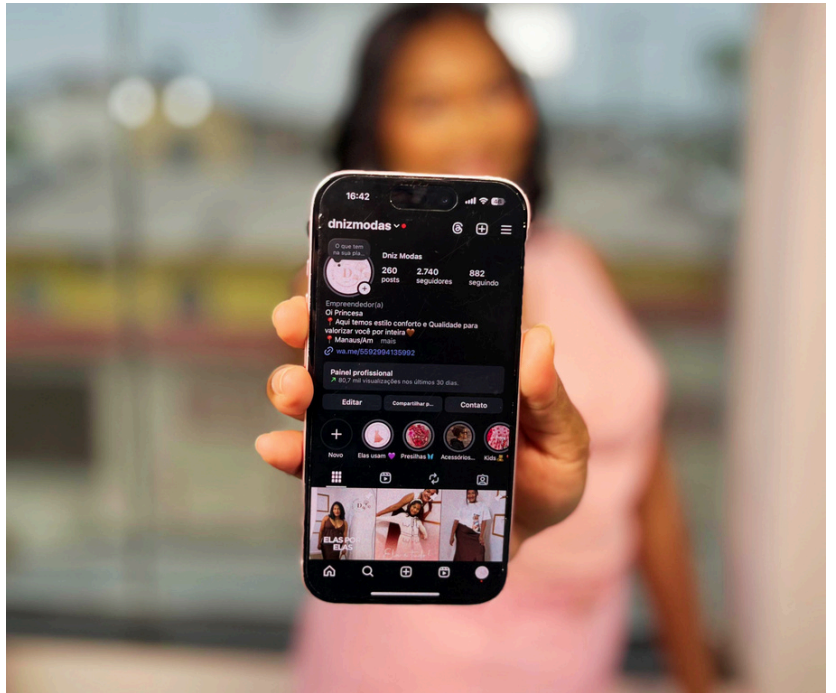
"O cenário é mais complexo do que parece, exigindo não apenas habilidade técnica, mas também posicionamento, segurança e estratégia."



DNIZ Modas

Por trás da Dniz Modas existe isso: a história de uma mulher real, que aprendeu que empreender vai muito além de vender roupas.

É sobre resistir, continuar e acreditar, mesmo nos dias mais difíceis.



Fotografia: Rai Diniz

Nem toda trajetória empreendedora começa com glamour, vitrines impecáveis ou grandes oportunidades. Algumas nascem da necessidade, da coragem e da vontade de transformar a própria realidade.

“A força de uma mulher que escolheu não desistir.”



Fotografia: Rai Diniz

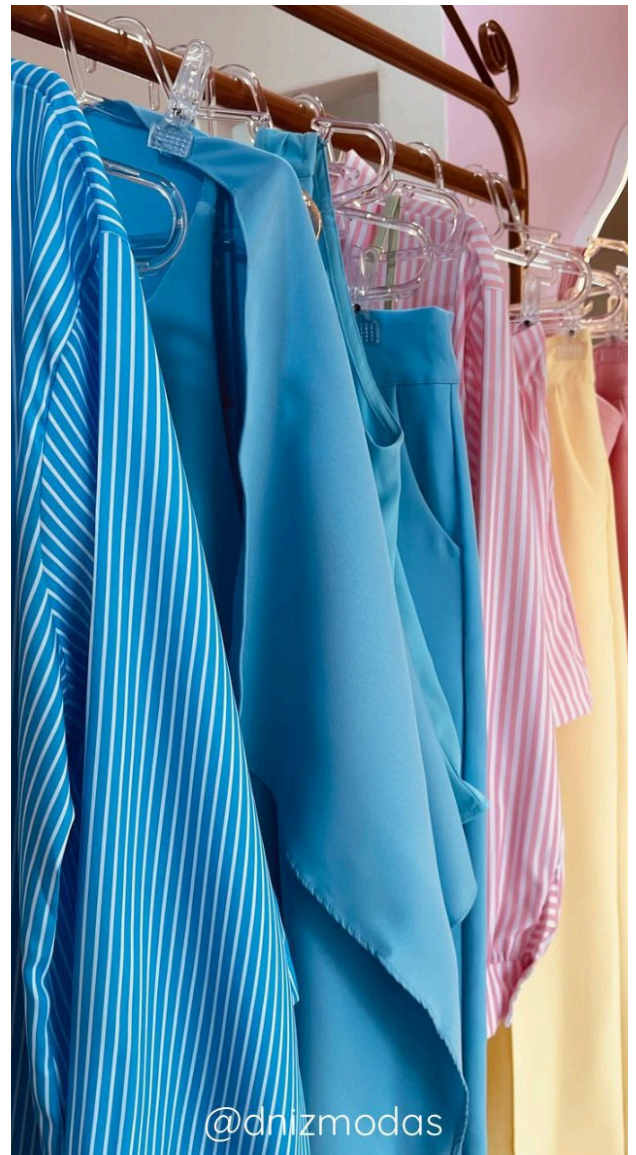
Conciliar ser mãe, estudante e empreendedora ao mesmo tempo não é simples. Na rotina da Dniz, não existem pausas longas ou horários perfeitos. Tudo acontece junto: cuidar da filha, organizar a casa, responder a clientes, pensar nas vendas e ainda encontrar tempo para a faculdade. Os dias são corridos, cansativos e, muitas vezes, imprevisíveis.

Há momentos em que o movimento da loja diminui, as contas apertam e o medo do futuro aparece. Mas existe também algo maior: a determinação de continuar construindo um sonho, mesmo dentro de uma realidade difícil. A Dniz Modas não nasceu em um cenário perfeito. Ela foi construída aos poucos, com esforço, persistência e muita coragem.

Na Dniz Modas, cada peça escolhida carrega um propósito. Mais do que seguir tendências, existe uma preocupação verdadeira em entender outras mulheres, suas rotinas, seus estilos, seus corpos e suas necessidades do dia a dia. Porque moda também é identificação. É se olhar no espelho e se sentir bonita, mesmo em meio às dificuldades.

É recuperar a autoestima, sentir confiança e perceber que pequenos detalhes podem mudar a forma como alguém se vê. O atendimento da marca também nasce desse cuidado. Não é apenas sobre vender, mas sobre ouvir, acolher e criar conexão.

Quem empreende entende o valor de cada cliente e sabe que, muitas vezes, uma compra representa muito mais do que uma simples peça de roupa.

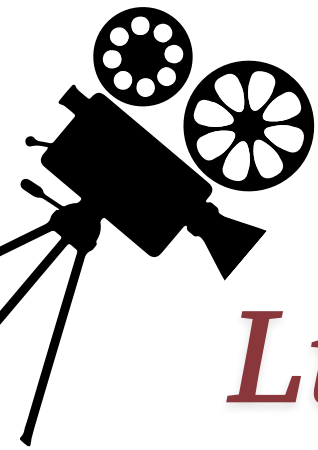


O lado invisível de quem empreende e as pequenas vitórias que fazem tudo valer a pena. Existe uma parte do empreendedorismo que quase nunca aparece nas redes sociais. São as noites mal dormidas, cansaço acumulado, os trabalhos da faculdade feitos na correria, preocupação constante com vendas, contas e metas. A sensação de tentar dar conta de tudo ao mesmo tempo e ainda sentir que falta alguma coisa.

Uma marca construída com verdade

Esse é o lado invisível da jornada. O lado que poucas pessoas enxergam, mas que faz parte da construção de qualquer sonho real. Ainda assim, desistir nunca foi uma opção. E é justamente nos pequenos momentos que a força para continuar aparece. Uma cliente que volta a comprar. Uma mensagem de agradecimento inesperada. Uma venda em um dia difícil. Um elogio sincero. Para quem vê de fora, podem parecer coisas simples. Mas, para quem vive a rotina do empreendedorismo, esses momentos têm um significado enorme. São eles que lembram que todo esforço está construindo algo maior.

A Dniz Modas cresce devagar, mas cresce com verdade, erros, aprendizados, recomeços e muita determinação. Por trás da marca existe uma mulher que não teve um caminho fácil, mas que escolheu continuar mesmo assim. Talvez seja exatamente isso que torna essa história tão forte: ela é real. Essa não é apenas a história de uma loja. É a história de alguém que decidiu acreditar em si mesma, enfrentar os desafios da vida e seguir em frente, mesmo quando tudo parecia difícil. Porque algumas marcas vendem produtos. Outras carregam histórias. E a Dniz Modas carrega uma história de força, coragem e persistência.



GIOVANNA BEGOT

Luz, Câmera, Estilo

o poder da moda nas telas



No cinema produzido no Norte, o estilo pessoal dos seus realizadores não atua apenas como referência estética, mas como matriz criativa e linguagem que orienta escolhas visuais, e narrativas.

Essa dinâmica une as fronteiras entre moda, vida cotidiana e expressão cinematográfica. Muitas das escolhas estéticas destes profissionais derivam de suas próprias identidades visuais.



Mesmo quando alguém não manifesta seu estilo de forma evidente no cotidiano, cada indivíduo possui preferências únicas, e é quase inevitável que essas marcas se reflitam em suas obras. Dessa forma, a moda consolida-se como ferramenta fundamental da construção artística, espalhando-se por quase todos os elementos fílmicos, como o figurino, a direção de arte, a paleta de cores e a fotografia.

Por essa razão, cria-se uma linguagem própria associada à estética do autor, funcionando como uma "assinatura" que personaliza a obra. Assim, fica mais dinâmico de reconhecer o trabalho de determinado artista, baseado em suas escolhas estéticas e também visuais que compõem toda uma produção.



Fotografia: Giovanna Begot

Quando nos voltamos ao cenário cinematográfico global, há diversos exemplos dessa simbiose.

Ao assistir a um filme de Tim Burton, por exemplo, o espectador reconhece imediatamente a sua identidade pessoal por meio de elementos góticos, estéticas sombrias, fantasiosas e melancólicas, associando prontamente a obra ao seu criador.

De maneira análoga, no Norte do Brasil, a moda influencia diretamente a linguagem cinematográfica dos realizadores locais. A partir de suas identidades, eles criam códigos que estruturam suas narrativas.



Fotografia: Giovanna Begot

O aspecto mais interessante é que tais códigos emergem de vivências particulares, que englobam desde o trabalho nos sets de filmagem até a rotina habitual de um nortista que transita entre a floresta e a cidade. Essa realidade incorpora signos urbanos, folclóricos e ancestrais.



Fotografia: Giovanna Begot

Uma pesquisa quantitativa realizada com profissionais e estudantes da área valida essa percepção: **57,1%** dos entrevistados consideram que seu estilo pessoal integra a sua identidade artística no cinema, e mais de **50%** afirmaram que sempre utilizam referências da moda em seus projetos. Quando questionados sobre quais elementos da moda estão mais presentes no audiovisual, **85,7%** apontaram o figurino, enquanto **71,4%** destacaram a direção de arte, bem como a construção de personagens.

No fim das contas, o estilo pessoal dos diretores e criadores não é só sobre "ficar bem na foto", mas sim uma ferramenta de narrativa pura e consolidada. É essa identidade visual que dá o tom do projeto e garante aquela estética única que a gente reconhece de longe na tela.



Fotografia: Giovanna Begot

Seja no cinema cult ou no blockbuster mais bombado, a verdade é uma só: o guarda-roupa de quem cria dita as regras do que a gente assiste.

Já faz algum tempo que o design de moda vem quebrando as normas estabelecidas sobre o que deve ser considerado *fashion*: **silhuetas refinadas, elegância e inacessibilidade**. O estilista japonês **Kenzo Takada** mudou o jogo da indústria ao introduzir elementos novos e fora do comum em seus *designs*: formas, estampas e padrões, especialmente em seu primeiro desfile em 1970, na Galeria Vivienne. Sua iniciativa não foi ignorada: ela deu início a um movimento. Desde então, designers vêm seguindo seus passos em seu próprio ritmo, criando novas camadas de moda, autoexpressão e crítica.

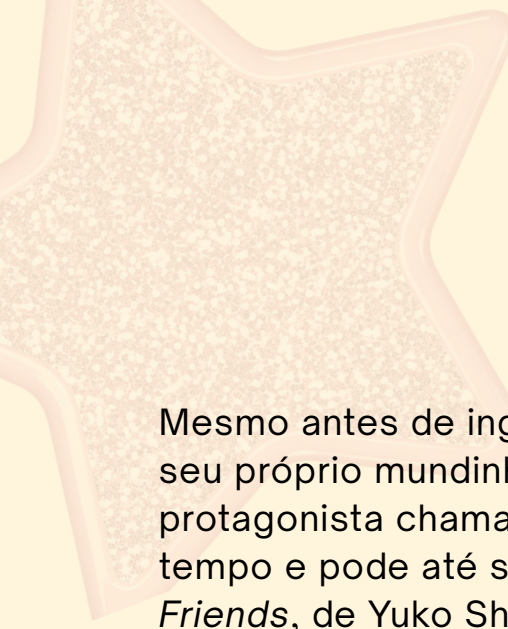


Reprodução: Helena Buraslan



É sabido que a arte alternativa está ganhando destaque — e com razão. Sejam criadoras de conteúdo como **Emely Mundica**, conhecida por seus vídeos virais nas redes sociais, que também é proprietária do **Vamp Brechó** e tem um estilo incrível, ou **Iza Bessa**, modelo e designer gráfica, proprietária da **PUP®** — uma marca emergente. Não dá para negar que essa arte veio para ficar: ela tem muitas faces e facetas.

Aqui em Manaus, nossos artistas locais estão dando tudo de si. Especialmente os jovens e novos criadores da moda, alguns independentes e outros surgindo do curso de **Design de Moda** da **Faculdade Santa Teresa**, como a **Helena Marcião**, também conhecida como **EnaEnaEna**.



Mesmo antes de ingressar nas aulas do curso, Ena começou a criar seu próprio mundinho com personagens recorrentes, como o protagonista chamado 'Coelhudo'. Esse universo cresceu com o tempo e pode até ser considerado a versão local de *Hello Kitty and Friends*, de Yuko Shimizu, mas com um toque diferente de artisticidade e base criativa. Seu incrível alcance se manifesta ferozmente à medida que ela transita desde pets estilosos, expandindo seu domínio na moda, até desenhos de celebridades como Chappell Roan, *popstar* que trabalha religiosamente com o maquiador Andrew Dahling.

A presença de artistas como a Helena é crucial para a cultura, pois afirma que a arte não está tão distante de nós quanto costumamos pensar. Além disso, estimula a sociedade a pensar fora da caixa e a abraçar todo um universo que foi mantido fechado por tempo demais. Pense nisso como abrir a Caixa de Pandora, mas de onde só saem as coisas mais refinadas e transformadoras.

Aos 16 anos, a artista estreou suas obras influenciada pelo rapper americano Tyler, the Creator, que incentivava seus fãs a explorarem sua criatividade. Ena afirma que não se identificava com ele apenas por causa de suas músicas, mas também por uma questão astrológica em comum:

“Comecei a desenhar curiosamente por influência do Tyler, the Creator, que eu era muito fã e ele incentivava muito os fãs a serem criativos e desenharem. Ambos somos piscianos e eu me via muito nele, assistia muitas entrevistas, podcasts e o ouvia (dizer) “pegue uma caneta e um lápis, desenhe alguma coisa, crie alguma coisa”. Como não sabia fazer música, peguei um lápis e comecei a fazer rabiscos por influência dele”.



Chappell

Roan

Quando questionada sobre o que a mantém tão motivada em sua produção artística e autoexpressão, ela demonstra o quanto está intimamente ligada às suas criações e ao seu propósito, afirmando: “é impossível para mim fazer qualquer coisa que não seja isso”:

*“Sempre precisei me expressar de alguma forma ou sentia que ia enlouquecer. Na adolescência, passava a maior parte do tempo em casa, sozinha e ouvindo música. Para além das ilustrações, sou pisciana e amo todo tipo de arte: história da arte, arquitetura, prosa e poesia, literatura, cinema, moda, música, design, e por aí vai. Sou muito sensível e idealista, e gostaria que as coisas que existem na minha cabeça existissem no mundo real. **Por isso eu desenho**”.*



Sua marca funciona como uma extensão de quem ela é como pessoa. Ela conta que há uma parte dela que não quer abrir mão das fantasias e ver o mundo através de lentes tão severas. O caos, o humor e a alegria que ela evoca em seus desenhos são a manifestação daquela pequena Helena que há dentro dela e também um lembrete de que ela ainda está lá. Viva e respirando.

A estudante de moda afirma que apesar de desafios que os artistas enfrentam, desistir não deve ser uma opção, e que uma grande preocupação em como a arte vai ser recebida pelo mundo externo não deve amedrontar o criador ao ponto de se esconder nas sombras.

"É impossível desistir. É algo que o seu coração vai ansiar por para sempre. [...] Acho que muita gente jovem fica insegura se alguém vai gostar ou não do que você faz. Confie. Vão sim. Alguém no mundo vai imaginar que queria que algo que você criou existisse, e quando encontrar vai achar o máximo".



Atualmente, a EnaEnaEna conta com um incrível catálogo on-line de suas obras, e, agora, em 2026, a marca está a todo vapor com novos lotes de t-shirts e moletons do personagem Coelhoudo e também está aberta a comissões exclusivas.

"[...] alguém vai gostar do que você faz e, mesmo que não gostem, faça por você. parafraseando Ferreira Gullar: 'a arte existe porque a vida não basta'. Não desista e mostre o que você faz!".



Reprodução: Helena Buraslan



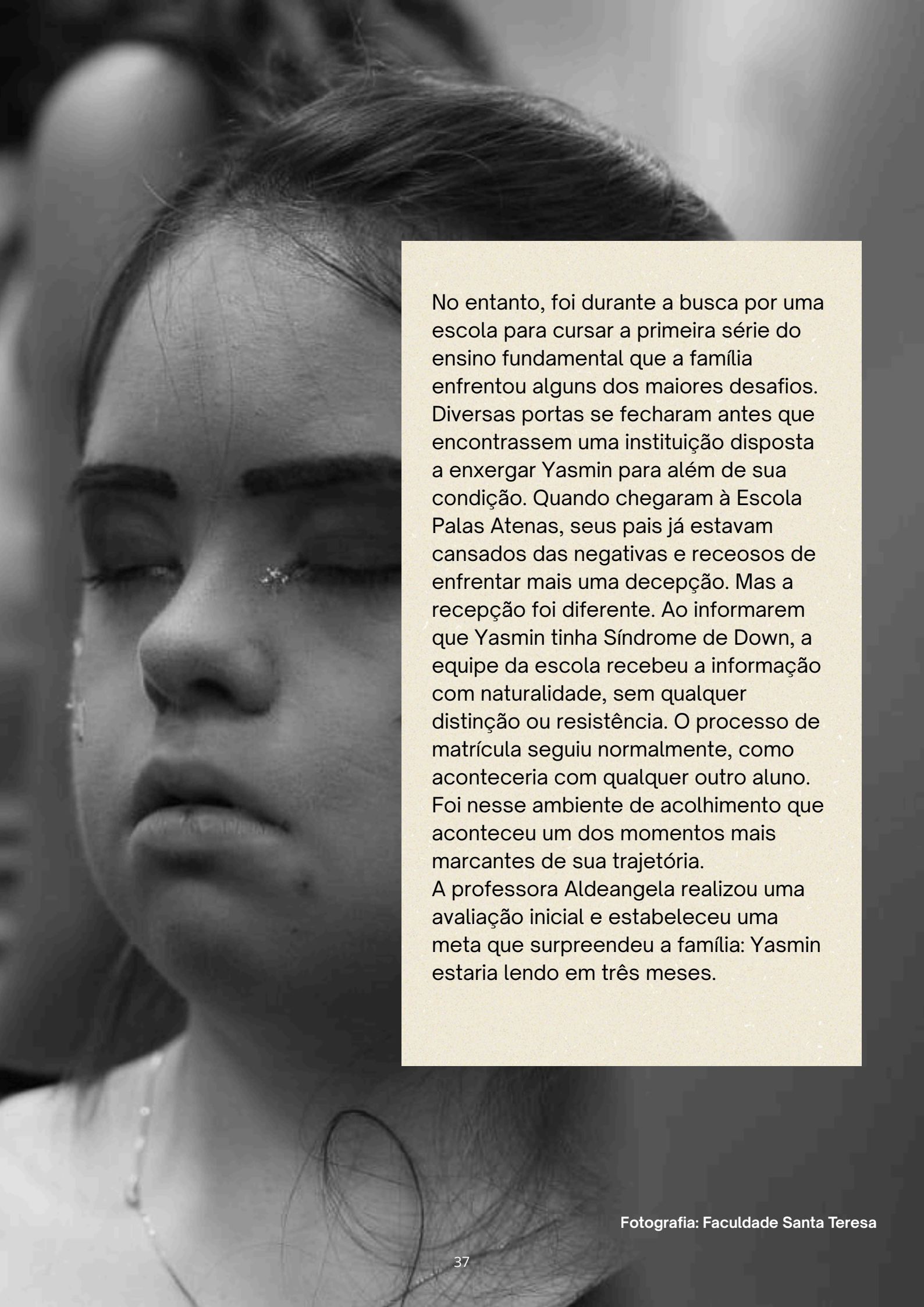
yasmin mundstock

Algumas histórias têm o poder de desafiar expectativas e redefinir limites. A trajetória de Yasmin Andrade Mundstock é uma delas. Primogênita da família, Yasmin cresceu cercada pelo amor dos pais e pela convivência com o irmão mais novo, em um ambiente onde a inclusão, a autonomia, o incentivo e a confiança sempre foram os pilares fundamentais de sua formação. Desde os primeiros anos de vida, seus pais compreenderam que a inclusão não deveria ser um conceito abstrato, mas uma experiência vivida diariamente. Acreditavam que as diferenças não deveriam determinar oportunidades e que a convivência entre crianças acontecia de forma mais genuína quando iniciada desde cedo. Foi com essa visão que Yasmin iniciou sua vida escolar aos um ano e meio de idade, na Creche Vida, frequentando o maternal ao lado de crianças sem deficiência. A experiência trouxe resultados que fortaleceram ainda mais a convicção da família. Assim como seus colegas, Yasmin conseguiu desfraldar na idade esperada, demonstrando que estímulo, convivência e oportunidades podem fazer toda a diferença no desenvolvimento infantil.



Fotografia: Josana Mundstock

Posteriormente, cursou o Jardim da Infância na Escola Pingo de Gente e deu continuidade ao seu processo de aprendizagem na Escola Maria Imaculada, Denizard Rivail e SESC. Cada nova etapa reforçava a importância da inclusão como instrumento de crescimento e desenvolvimento humano.



No entanto, foi durante a busca por uma escola para cursar a primeira série do ensino fundamental que a família enfrentou alguns dos maiores desafios. Diversas portas se fecharam antes que encontrassem uma instituição disposta a enxergar Yasmin para além de sua condição. Quando chegaram à Escola Palas Atenas, seus pais já estavam cansados das negativas e receosos de enfrentar mais uma decepção. Mas a recepção foi diferente. Ao informarem que Yasmin tinha Síndrome de Down, a equipe da escola recebeu a informação com naturalidade, sem qualquer distinção ou resistência. O processo de matrícula seguiu normalmente, como aconteceria com qualquer outro aluno. Foi nesse ambiente de acolhimento que aconteceu um dos momentos mais marcantes de sua trajetória. A professora Aldeangela realizou uma avaliação inicial e estabeleceu uma meta que surpreendeu a família: Yasmin estaria lendo em três meses.

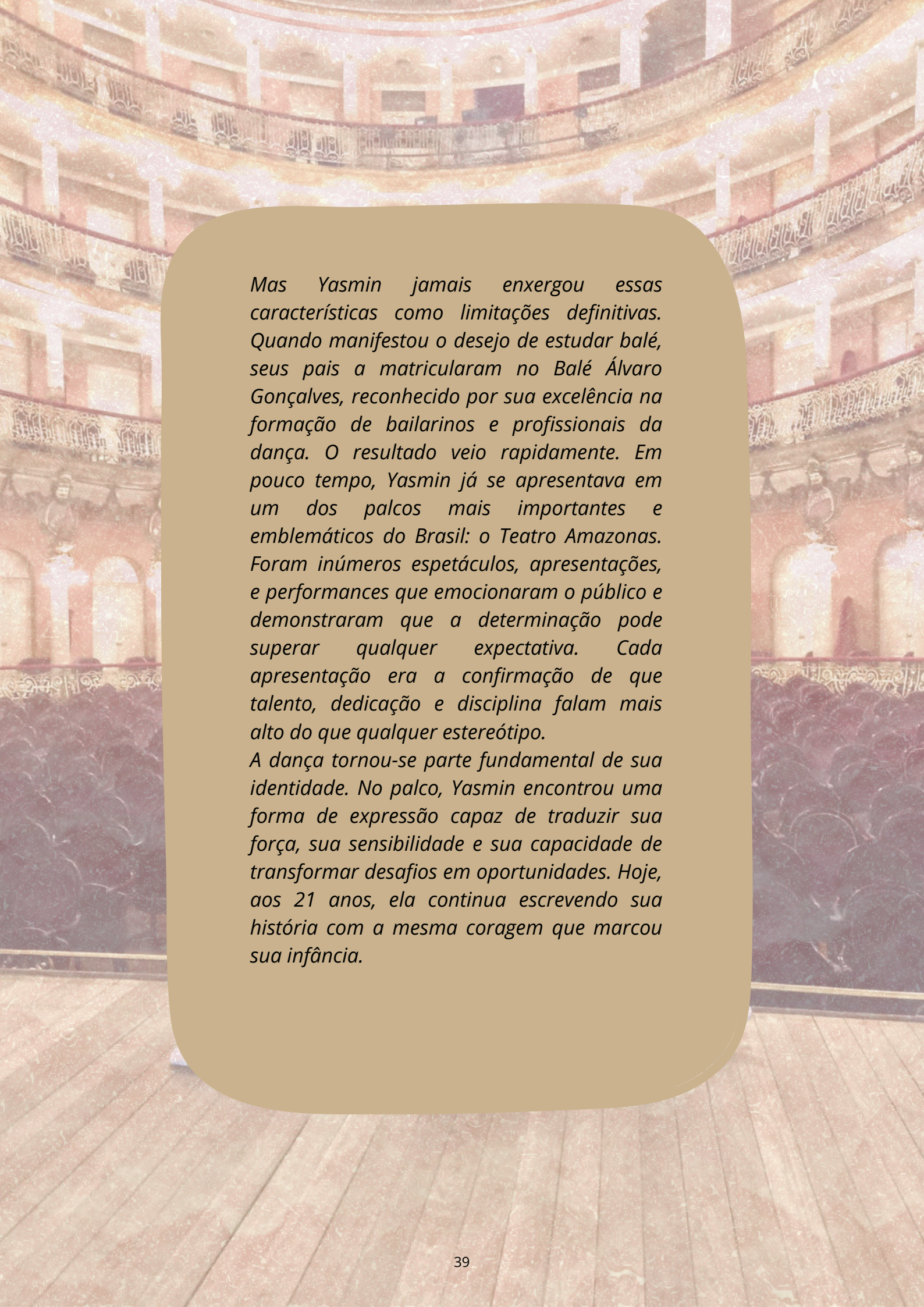
Uma Nova Face da Inclusão na Moda Brasileira

Para seus pais, aquilo parecia muito além das expectativas. Eles buscavam inclusão, socialização e oportunidades. A possibilidade de vê-la alfabetizada em tão pouco tempo parecia algo extraordinário. Três meses depois, Yasmin estava lendo. A conquista representou muito mais do que um avanço escolar, foi a confirmação de que o potencial humano não deve ser medido por diagnósticos, mas pelas oportunidades que recebe para se desenvolver.

Ao longo dos anos, Yasmin construiu uma personalidade marcada pela dedicação, pela persistência e pela coragem. Nunca teve medo de tentar. Nunca se permitiu desistir diante dos desafios. Sempre que desejou aprender algo novo, escolheu seguir em frente. Assim foi com a dança, desde muito jovem, Yasmin demonstrou uma paixão especial pelo balé. Para muitos, poderia parecer apenas uma atividade extracurricular. Para ela, tornou-se mais uma oportunidade de crescimento e expressão. O desafio não era pequeno. A Síndrome de Down costuma apresentar características como a hipotonia muscular e dificuldades relacionadas à coordenação motora, aspectos que poderiam representar obstáculos dentro de uma modalidade artística que exige disciplina, equilíbrio, técnica e controle corporal.



Fotografia: Josana Mundstock



Mas Yasmin jamais enxergou essas características como limitações definitivas. Quando manifestou o desejo de estudar balé, seus pais a matricularam no Balé Álvaro Gonçalves, reconhecido por sua excelência na formação de bailarinos e profissionais da dança. O resultado veio rapidamente. Em pouco tempo, Yasmin já se apresentava em um dos palcos mais importantes e emblemáticos do Brasil: o Teatro Amazonas. Foram inúmeros espetáculos, apresentações, e performances que emocionaram o público e demonstraram que a determinação pode superar qualquer expectativa. Cada apresentação era a confirmação de que talento, dedicação e disciplina falam mais alto do que qualquer estereótipo.

A dança tornou-se parte fundamental de sua identidade. No palco, Yasmin encontrou uma forma de expressão capaz de traduzir sua força, sua sensibilidade e sua capacidade de transformar desafios em oportunidades. Hoje, aos 21 anos, ela continua escrevendo sua história com a mesma coragem que marcou sua infância.



[acesse a revista digital](#)